

AS MULHERES DE JANE AUSTEN: FEMINISMO E RESISTÊNCIA À SOMBRA DO PATRIARCADO

JANE AUSTEN'S WOMEN: FEMINISM AND RESISTANCE IN THE SHADOW OF PATRIARCHY

LAS MUJERES DE JANE AUSTEN: FEMINISMO Y RESISTENCIA A LA SOMBRA DEL PATRIARCADO

Gabriel Rocha Lemos de Almeida¹
Thays Carvalho Cesar²

Resumo

Este trabalho analisa a construção das personagens Elisabeth Benett e Emma Woodhouse, criadas por Jane Austen, a partir de um olhar crítico e social. Tal abordagem se justifica pela necessidade de situar as discussões de cunho social e universal no tempo e no espaço a fim de compreender os motivos que levaram a autora a ser considerada uma escritora feminista. O objetivo desta pesquisa é compreender como são construídas duas de suas principais personagens de suas principais obras à luz da crítica feminista e das teorias de gênero. Esse propósito será conseguido mediante uma pesquisa bibliográfica, na qual se realizará uma leitura atenta e crítica de dois romances de Jane Austen: *Orgulho e Preconceito* e *Emma*, a partir dos quais se analisará os recursos utilizados para a construção de suas personagens centrais. A análise evidenciou que as personagens criadas por Austen apresentam características feministas, abordadas por meio da escrita sutil e crítica da romancista.

Palavras-chave: crítica feminista; teorias de gênero; personagens.

Abstract

This work analyzes the construction of the characters Elisabeth Bennett and Emma Woodhouse as depicted by Jane Austen from a critical and social perspective. This approach is justified by the necessity of situating discussions of a social and universal nature in time and space in order to comprehend the reasons that led the author to be considered a feminist writer. The objective of this research is to examine two of Austen's main characters in her most significant works through the lens of feminist criticism and gender theory. This objective will be accomplished through bibliographical research, during which a meticulous and discerning examination of two novels by Jane Austen will be conducted: *Pride and Prejudice* and *Emma*. From these works, the elements utilized to construct her central characters will be scrutinized. The analysis revealed that the characters crafted by Austen exhibit feminist attributes, addressed through the novelist's nuanced and discerning writing style.

Keywords: feminist criticism; gender theories; characters.

Resumen

Ese trabajo analiza la construcción de los personajes Elizabeth Benett y Emma Woodhouse, creados por Jane Austen, partiendo de una mirada crítica y social. Ese abordaje se justifica por la necesidad de situar las discusiones de carácter social y universal en el tiempo y en el espacio para comprender las razones que llevaron a la autora a ser considerada una escritora feminista. El objetivo de esa investigación es comprender cómo se construyen dos de sus principales personajes, de sus principales obras, a la luz de la crítica feminista y de las teorías de género. Se logrará dicho propósito por medio de una pesquisa bibliográfica, en la cual se realizará una lectura atenta y crítica de dos novelas de Jane Austen: *Orgullo y Prejuicio* y *Emma*, a partir de los cuales se analizarán los recursos utilizados para la construcción de sus personajes centrales. El análisis evidenció que los personajes creados por Austen presentan características feministas, abordadas por la escrita sutil y la crítica novelista.

¹ Acadêmico no curso de Bacharelado em Letras no Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: gabriellemosdealmeida624@gmail.com

² Docente no Centro Universitário Internacional (UNINTER). Mestre em Estudos Linguísticos. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6529-7309>. E-mail: thays.c@uninter.com

Palabras clave: crítica feminista; teorias de gênero; personagens.

1 Introdução

Jane Austen, uma das mais proeminentes romancistas dos últimos tempos, teve e tem até hoje uma forte influência no que tange à literatura de protagonismo feminino. Suas narrativas de cunho social e sutilmente crítico causaram incômodo não somente na época em que foram publicadas, mas também nas décadas seguintes, sobretudo no século XX, em que os primeiros escritos sobre crítica literária feminista nasceram. Nesse sentido, se faz relevante observar a construção de duas obras de tão importância no canône ocidental.

Partindo de uma leitura atenta e crítica de duas das principais obras de Austen: *Orgulho e Preconceito* e *Emma*, pretende-se investigar como as personagens centrais eram construídas na narrativa “austeniana”, mobilizando teorias de análise de personagem e sobre o lugar ocupado pela mulher na sociedade da época à luz das teorias feministas. Esse recorte de estudo se dá pela necessidade de situar as problematizações presentes nos romances, no tempo e no espaço, a fim de compreender os motivos que levaram a autora a ser considerada uma escritora feminista (Holanda, 1994).

Quando Austen produzia suas histórias, entre 1803 e 1817, a sociedade tinha a mulher como um ser inferiorizado, já que viviam em uma aristocracia dominada por homens, que, segundo Zardini (2011) era um contexto social em que, naquela sociedade entre os séculos XVIII e XIX, havia um padrão rígido em relação ao comportamento das mulheres, uma vez que apenas esperavam-se delas a dedicação ao casamento, negando-lhes, assim, o acesso à educação e direitos sociais. Segundo Ana Lucia Santana (s.d), a Inglaterra nesse período passava por mudanças significativas em seu governo, como a transição do reinado georgiano para o vitoriano. Dentro desse cenário, Jane Austen construía suas personagens com traços das mulheres da época, porém, diferentemente do que era o costume, suas criações tinham um comportamento fora do esperado, com fortes opiniões críticas. E é justamente a partir dessas problemáticas que a crítica literária feminista se faz tão importante, uma vez que ela estuda a mulher em seu estado literário, considerando suas questões e impasses (Showalter, 1981).

Nessa perspectiva crítica, o presente artigo tem por objetivo analisar como as personagens Elisabeth e Emma são construídas a partir da teoria da personagem, elaborada por Antonio Cândido (1970). Segundo o autor, em uma narrativa ficcional, podemos fazer criações organizadas em mais de uma camada, possibilitando a existência de complexidade e que surpreendam o leitor: as personagens esféricas. Esse recurso, utilizado por Jane Austen,

possibilita a criação de personagens dotadas de opinião crítica, uma necessidade de se impor perante às questões sociais e não se limitar aos padrões impostos pela época.

A análise que respalda este trabalho será fundamentada em uma pesquisa bibliográfica utilizando os estudos da crítica feminista, elaborada por Elaine Showalter (1981), e os estudos de Eurídice Figueiredo (2020) sobre a importância dos escritos de mulheres que, segundo a autora, há a necessidade de incorporar ao cânone o resgate de literaturas de mulheres feitas por mulheres, capazes de subverter as leituras produzidas por homens. Além disso, nos cabe “estabelecer categorias críticas válidas que não coloquem cada vez mais a crítica feminista no gueto” (Figueiredo, 2020, p. 91).

Tal artigo está composto, ademais desta introdução, que trás um panorama geral da pesquisa, pela seção “Contexto de produção”, na qual apresentaremos um pouco da história da autora e de suas personagens em seu contexto social; a seção “Jane Austen e a crítica feminista”, abordará os conceitos e a importância de se trabalhar a crítica literária feminista e explicaremos como estudar uma autora do século XIX à luz de teorias recentes sem incorrer em anacronismos; na sequência, teremos a seção “Olhar feminista”, na qual abordaremos as principais correntes do feminismo, defendidas por Elaine Showalter e Simone de Beauvoir; na seção “Análise literária”, trataremos especificamente da construção das personagens de Austen, baseando-nos nas teorias de Antônio Candido para verificar como as personagens são construídas e como os recursos usados por Jane Austen nessa construção contribuem para enquadrar tanto a autora quanto as personagens em escolas feministas. Por fim, na seção “Considerações finais”, faremos um apanhado geral de tudo o que foi discutido ao longo da pesquisa.

2 Contexto de produção

Jane Austen nasceu em Steventon, zona rural da Inglaterra, no ano de 1775 no seio de uma família pertencente à baixa nobreza. Sendo fruto do casamento do reverendo anglicano George Austen com sua esposa Cassandra, Jane era, juntamente com sua irmã Cassandra, as únicas mulheres em meio aos seus irmãos que, a contar com elas, eram no total de oito. O senhor Austen era quem ficava responsável por administrar e sustentar a família, exercendo, na sociedade inglesa, o papel de tutor, educando garotos estudantes em sua própria casa.

Diferente dos garotos, Jane e sua irmã adquiriram educação apenas dentro de casa e, somente em meados da década 1780, puderam acessar os estudos fora do ambiente familiar. Anos mais tarde, em 1805, com os filhos homens já casados e vivendo fora de casa, o reverendo

Austen morre, o que deixou a esposa e as duas filhas em situação econômica alarmante, levando-as a pedir ajuda na casa dos irmãos, em Chawton, onde as duas meninas foram educadas em internatos. Eram as últimas décadas do século XVIII e início do século XIX e a sociedade inglesa era regida pelo patriarcado, “conceito que surge para designar um regime de organização familiar, onde o pai, como chefe, tinha poder irrestrito sobre sua família” (Almeida, 2010, p. 22).

Dessa forma, essa realidade afetava sobretudo o universo feminino, em que Jane, assim como outras mulheres de sua época, ficavam restritas ao aprimoramento de sua educação e, atingida a idade ideal, eram obrigatoriamente destinadas ao casamento, sendo um fator muito importante na aristocracia inglesa daquele tempo. De acordo com Zardini (2013), o que se esperava das moças daquela época era que tivessem habilidades relacionadas ao ambiente doméstico, como conhecimentos primários em dança, bordado e pintura. Austen, grande observadora de tudo a que cercava, refletia todas as suas vivências em casa, bailes e serões em suas atividades literárias, aperfeiçoando seu olhar observador e crítico daquela sociedade em que vivia, iniciando a produção de seus primeiros romances.

Nesse cenário de escrita criativa, Austen produzia suas histórias, dentre as quais destacou-se *Orgulho e Preconceito*, lançado pela primeira vez em 28 de janeiro de 1813. Refletindo a realidade inglesa do século XIX, a narrativa nos apresenta como personagem principal Elisabeth Bennet, a segunda filha entre cinco irmãs de uma família de poucas posses em um vilarejo rural na Inglaterra. Com o chefe da família sendo um homem reservado, a matriarca deseja incessantemente que suas filhas se casem com alguém de posses, pelo bem social e econômico de todos. Porém, Elisabeth se recusava a casar com um homem apenas por ele ser rico, uma vez que “rejeita a noção convencional de casamento convencional, buscando uma afinidade intelectual e emoção genuína” (Neto; Gomes, 2023, p. 5). Sua jornada esbarra em Mr Darcy, que será o motivo do orgulho da jovem, que verá suas ideias serem questionadas a todo momento.

Dois anos mais tarde, em 23 de dezembro de 1815, a autora lançou mais um romance: *Emma*. Trazendo como centro narrativo a personagem-título que, segundo Neto e Gomes (2023), destaca-se por sua autoconfiança, muitas vezes confundida com presunção, perspicácia e privilégio social. Por ser herdeira de seu pai, o senhor Woodhouse, Emma, diferente das outras moças, não sente necessidade de se casar, passando, no entanto, parte de seu tempo arranjando pretendente para suas amigas e moças de seu convívio social. Inicialmente não levando os sentimentos das pessoas em consideração, Emma encontrará em seu caminho acontecimentos que a farão refletir sobre sua compreensão a respeito das interações sociais.

É a partir dessas duas personagens que Jane Austen realiza uma minuciosa análise sobre o universo feminino no século XIX, “destacando a complexidade das interações sociais, as expectativas de gênero e as restrições impostas às mulheres” (Neto; Gomes, 2023, p. 7). Tal análise é feita sob um crítico olhar feminista da autora que, mesmo séculos antes de haver estudos sobre teorias feministas, já propagava suas opiniões, ainda que de modo sutil, em suas obras. Na próxima seção, veremos como surgiram tais teorias e de que forma podemos relacioná-las com os escritos de Jane Austen.

3 Jane Austen e a crítica literária feminista

Durante muito tempo na história da literatura, tivemos contato com diversas obras escritas em sua grande maioria por homens, que eram os únicos porta-vozes de representação feminina, baseada no olhar masculino sem considerar a experiência da mulher, “monumentos que foram fixados e consagrados por uma comissão divina e histórica” (Figueiredo, 2020, p. 85). Diante de tal cenário que limitava o olhar e a experiência feminina, se fez necessária a implementação de estudos de análise crítica a respeito da representação feminina em obras do cânone ocidental, nascendo assim uma crítica literária feminista.

Segundo Bellin (2011), o surgimento de uma crítica literária de cunho feminista têm abalado consideravelmente as bases ortodoxas do cânone universal, ao propor uma nova interpretação literária em relação ao papel desempenhado pela mulher na literatura. Esse papel é analisado por dois ângulos dentro da crítica: em primeiro momento temos a mulher como leitora que, à elas, de acordo com Showalter (1980), são apresentadas leituras feministas que destacam o estereótipo da imagem da mulher na literatura, com falsos juízos e indiferença; o segundo ângulo analisado pela crítica feminista seria o papel da mulher enquanto escritora, em que “seus tópicos são a história, os estilos, os temas, os gêneros, a psicodinâmica da criatividade feminina e as estruturas dos escritos de mulheres” (Showalter, 1980, p. 29). Dessa forma, a autora nos propõe uma reflexão acerca de como podemos considerar as mulheres escritoras como um segmento de produção literária distinto e que características o difere dos escritos produzidos por homens.

É tomando como base o segundo olhar da crítica feminista que temos subsídios para analisar a produção literária de Jane Austen, mesmo tendo atuado no século XIX, tão distante da contemporaneidade de novas teorias de gênero. Observa-se em suas duas obras (*Orgulho e Preconceito* e *Emma*) uma forte tendência da autora, por meio de suas personagens centrais, em questionar os valores morais e sociais que a sociedade impunha ao comportamento feminino.

Jane Austen “critica as restrições impostas às mulheres, enquanto também destaca a diversidade de reações e comportamentos femininos dentro desses limites” (Neto; Gomes, 2023, p. 6). Sem cometer anacronismos, podemos verificar como é inovador estudarmos uma escritora do século XIX baseados em conceitos e teorias da crítica literária feminista recente, pois, se houve estudos a respeito do real papel social da mulher, houve também escritoras pioneiras nessas questões como Jane Austen, uma vez que “todas as grandes personagens femininas do cânone ocidental são rebeldes e apaixonadas, ousam enfrentar a sociedade patriarcal que as oprime e as relega à domesticidade sob jugo de um marido imposto” (Figueiredo, 2020, p. 91)

Assim, nota-se na produção de Jane uma representação crítica de como suas personagens lidavam com as pressões e julgamentos de uma sociedade inteiramente regida pelo homem, evidenciando a capacidade de autora em “criar personagens femininas ressonantes e multifacetadas, que desafiam as normas sociais, buscam liberdade e autonomia” (Neto; Gomes, 2023, p. 5).

Na próxima seção falaremos sobre as problematizações que envolvem os conceitos de gênero e identidade de gênero, as quais podemos ver ilustradas nas fortes opiniões de Emma Woodhouse, a protagonista do romance homônimo.

4 Olhar feminista

Uma das principais problematizações no campo de estudos da crítica literária feminista têm sido o conceito de gênero que, de acordo com Scott (1990) define-se como uma construção social e simbólica baseada em representações culturais de masculino e feminino. Dessa forma, em nossa sociedade sempre houve e ainda há uma clara distinção entre o homem e a mulher como figuras sociais, sendo esse um grande reflexo herdado da sociedade patriarcal, em que “operou-se uma divisão em que o feminino era visto como algo ligado à natureza, à emoção e à esfera privada, e o masculino à esfera pública” (Bellin, 2011, p. 5).

Tal distinção sócio-cultural acerca do masculino e feminino evidenciou uma forte preocupação e interesse da crítica literária feminista, inclusive na interseccionalidade gênero/classe, investigando do ponto de vista literário as narrativas de uma classe oprimida, analisando a raiz e os motivos de sua opressão. As pesquisas dos estudos feministas têm se debruçado em uma série de abordagens na análise de gênero, que segundo Scott (1990), se esforçam em explicar as origens do patriarcado, atentando-se ao fato de que as mulheres possuíam uma conduta de subordinação ao homem, que por sua vez sentiam uma necessidade de dominância em relação ao feminino, evidenciando uma desigualdade que até os tempos

atuais vemos refletida em nossa sociedade.

Essa realidade inquieta muitos estudiosos de escolas feministas, que questionam de onde surgem as práticas sociais que segregam tanto o gênero feminino e como podemos superá-las. Uma das mais influentes estudiosas das teorias de gênero foi Simone de Beauvoir, uma filósofa existencialista do século XX responsável por escrever “O segundo sexo”, obra publicada em 1949 e que tornou-se marco do feminismo, na qual a autora estuda a condição da mulher como um ser oprimido na sociedade, “explorando as imposições culturais, históricas e existenciais que limitam a liberdade e identidades femininas” (Neto; Gomes, 2023, p. 3).

Tendo como base uma análise social da população, Beauvoir traça em “O Segundo Sexo” uma reflexão sobre a existência, questionando-se o que é ser mulher. Segundo Costa (2022), Simone nos faz refletir sobre qual o verdadeiro papel da mulher na sociedade, destacando que o ser feminino não é algo naturalizado, em razão da diferenciação de homem e mulher enraizada pela construção cultural, que por sua vez é fruto de séculos de dominação social dos homens. Dessa forma, a filósofa evidencia uma realidade feminina baseada em padrões comportamentais a partir de uma prática vinda da cultura do patriarcado, em que as mulheres eram designadas a serem subordinadas ao homens, que, de maneira autoritária, delegava à mulher o exclusivo papel de ser esposa, mãe e dona de casa. Tal cenário reforça o pensamento de Beauvoir de que a mulher não seria o sujeito, e sim o outro, um objeto considerado pelo homem, uma vez que “ser o Outro não é uma condição determinada pela natureza. É a cultura que define a experiência da mulher” (Cyfer, 2015, p. 60).

Essa noção de gênero social culturalmente construída e difundida refletiu-se por muito tempo no modo de se representar a figura da mulher dentro da literatura. É preciso levarmos em consideração que o fazer literário, sobretudo, é visto como uma prática discursiva de representar o mundo, constituindo a ação social da realidade. De acordo com Teixeira (2009), a representação do ser feminino nas narrativas literárias sempre foram baseadas na única e exclusiva visão do homem escritor, cabendo às mulheres um lugar de objeto dentro dessas produções. Dessa forma, nesse cenário a mulher, real e ser pensante, reduz-se ao papel de leitora, que se depara com os estereótipos causados pela visão essencialmente masculina.

Tal visão machista e limitada despertou a inquietação das pesquisas de Eliane Showalter, que, deixando de lado a mulher leitora, passou a estudar a mulher escritora, fazendo assim surgir uma nova corrente de pensamento de crítica literária feminista: a ginocrítica. Desenvolvida pela própria autora, essa nova corrente de pensamento crítico oferece mais caminhos de análise do que a crítica feminista, uma vez que “ver os escritos femininos como assunto principal força-nos a fazer a transição súbita para um novo ponto de vantagem

conceptual e a redefinir a natureza do problema teórico com o qual nos deparamos” (Showalter, 1994, p. 29). Assim, a autora se debruça a investigar de que maneira poderíamos diferenciar os escritos produzidos por homens e que características teriam as produções escritas por mulheres, questionando a diferença entre os dois tipos de linguagem.

Ao investigar as características da linguagem utilizada pela mulher em seu fazer literário, Showalter depara-se com uma incongruência: não há nitidamente uma marca linguística que separe a escrita do homem e da mulher, e sim uma diferença cultural que seria “uma teoria que incorpora ideias a respeito do corpo, da linguagem e da psique da mulher, mas as interpreta em relação aos contextos sociais nos quais elas ocorrem” (Showalter, 1994, p. 44).

Tais questões podem ser vistas nas narrativas de Jane Austen, sobretudo refletidas nos posicionamentos de Emma Woodhouse, a personagem título do livro homônimo. Esses posicionamentos são o retrato de uma sociedade inglesa do século XIX, em que o casamento era de extrema importância uma vez que a mulher “conseguia alianças políticas e financeiras valiosas” (Abreu, 2021, p. 171). Na obra, há um diálogo muito interessante em que Jane Austen, por meio da sua personagem, discute as limitações impostas ao gênero feminino, principalmente em relação à vida social de uma mulher adulta. Nesse diálogo nota-se Emma, decidida a não casar, sendo questionada por sua amiga Harriet, sobre como poderia viver em uma sociedade em que uma mulher solteira não era bem vista:

Mas mesmo assim, retrucou Harriet, acabará solteirona e isso é pavoroso!
Não se preocupe, Harriet, não serei uma pobre solteirona; e é a pobreza apenas o que torna o celibato lastimável para almas generosas. Uma mulher solteira com uma renda baixa pode ser uma solteirona ridícula e desagradável; mas uma mulher solteira de boas posses é sempre respeitável (Austen, 1815, p. 85).

Podemos observar a partir desse trecho como Austen nos apresenta ideias de liberdade de gênero e autonomia na construção de Emma, destacando como a sociedade impunha as restrições do ser feminino, delegada apenas ao casamento. Na seção abaixo, faremos uma minuciosa análise das personagens criadas pela autora, em especial Elisabeth e Emma, utilizando-se dos estudos acerca das tipologias de personagem dentro de um romance, elaborada por Antônio Cândido.

5 Análise literária

Antônio Cândido foi um sociólogo, crítico literário, ensaísta e professor brasileiro, nascido no dia 28 de julho de 1918. Em 1941, iniciou sua carreira como crítico literário, ainda como estudante de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, publicando trabalhos de

análises de obras da literatura. Mais tarde, em 1970, o autor começou a se dedicar a trabalhos que analisa a relação entre sociedade e literatura, nascendo assim “A personagem de ficção”, onde há uma minuciosa análise sobre o modo de construção de personagens ficcionais.

Nessa obra, Cândido aponta um problema ontológico ligado ao caráter ficcional do escritor, que independe de critérios de valor, uma vez que o autor geralmente espelha-se em pessoas reais para representar uma realidade paralela, pois “frequentemente os escritores configuram as personagens a partir da reunião de traços físicos e comportamentais provenientes de um ou mais indivíduos” (Couto, 2019, p. 212). Dessa forma, o crítico salienta que a composição de uma personagem está diretamente relacionada à representação do ser real projetado no ser do papel, ainda que essa representação seja apenas fragmentada, uma vez que:

Na vida, estabelecemos uma interpretação de cada pessoa, a fim de podermos conferir certa unidade à sua diversificação essencial, à sucessão dos seus modos-de-ser. No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem. A nossa interpretação dos seres vivos é mais fluida, variando de acordo com o tempo ou as condições da conduta. No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser (Cândido, 1970, p. 43).

A partir desse pressuposto, Cândido destaca a importância da personagem dentro da narrativa de romance, uma vez que é a personagem que traduz ao enredo os objetivos do romance, com seus significados e valores e isso nos leva a crer que “a construção estrutural é o maior responsável pela força e eficácia de um romance (Cândido, 1970, p. 40). Isso posto, o crítico chega a uma conclusão complexa: o romance é capaz de criar algo mais complexo, apresentando personagens que nos dão a impressão de um ser ilimitado, com camadas de infinitas e múltiplas possibilidades de reações, condutas e comportamentos. Assim, cria-se uma dificuldade do ser do papel, que passa a perder a ideia de algo fixo e limitado, permitindo, assim, a presença máxima de complexidade, focados em traços psicológicos e destacando seus atos e ideias.

Diante de tal raciocínio, Antônio Cândido fez a seguinte classificação para dois tipos de personagens dentro de um romance: 1) a personagem plana, conhecida também por tipo ou caricatura, são criadas com base em apenas uma ideia ou característica, não sendo afetadas por circunstâncias, permanecendo assim inalteradas por todo o romance; 2) a personagem esférica apresenta, ao contrário da plana, três dimensões em sua construção ficcional, sendo dispostas com maior profundidade, capazes de surpreender o leitor com seu comportamento muitas vezes fora do esperado, “trazendo a imprevisibilidade da vida – traz a vida dentro do livro” (Cândido,

1970, p. 47). Isso posto, podemos conferir em nosso objeto de estudo uma reprodução do segundo tipo de personagem defendido pelo crítico, uma vez que Jane nos apresenta personagens de camadas profundas, de pensamento e posturas fora do que se era esperado na sociedade em que vivia.

Há vários momentos durante a narrativa de *Orgulho e Preconceito* em que a protagonista Elisabeth Bennet demonstra um olhar crítico a respeito das convenções sociais impostas pelo patriarcado, evidenciando a construção esférica da personagem, capaz de se posicionar criticamente, uma vez que “destaca-se pela sua independência de pensamento e pela coragem de desafiar as expectativas sociais ao recusar propostas de casamento que não são baseadas em verdadeira afinidade” (Neto; Gomes, 2023, p. 5). Podemos conferir uma boa reprodução desse conceito em uma passagem muito interessante do livro em que Mr. Collins, na condição de primo e único herdeiro da família Bennet, pede a mão de Elisabeth em casamento que, por sua vez, e indo contra todas as expectativas, recusa. Então sucede-se o seguinte diálogo:

Devo portanto concluir que, disse Collins, ao me rejeitar, não está falando seriamente e prefiro atribuir sua recusa ao desejo de atormentar o meu amor, deixando-me na incerteza, de acordo com os costumes habituais de mulheres elegantes. Asseguro-lhe que não tenho quaisquer pretensões a esta espécie de elegância...[...] Prefiro que me dê a honra de acreditar na minha sinceridade. [...] Posso falar mais claramente: não me considere uma mulher elegante, que tem a intenção de atormentá-lo, mas uma criatura racional, falando a verdade do coração. (Austen, 1813, p. 109).

A atitude de Elisabeth em não aceitar o pedido de Mr Collins corrobora exatamente na surpresa ao leitor que caracteriza a personagem esférica, apontada por Antônio Candido. A personagem construída por Jane Austen, tem, por fim, uma escolha, concedida pelo modo como foi forjada por sua autora. Diante das escassas posses da família Bennet, e da ameaça de todo o patrimônio da família parar nas mãos do primo Collins, a matriarca da família ansiava por casar as filhas e, diante da surpreendente recusa de uma das filhas a esse tão aguardado pedido, acreditava que estaria arruinando todo o futuro da família.

Isso expõe o fato de Austen dar o direito de escolha à sua personagem em um exercício de emponderamento feminino, ao criar “personagens complexas que desafiavam as normas sociais e buscavam autonomia dentro das estruturas sociais da época” (Neto; Gomes, 2023, p. 13).

Algo semelhante podemos destacar na construção de Emma, pois ela é descrita, logo no início da narrativa, como uma mulher “que vivera cerca de 22 anos num mundo em que nada havia que pudesse perturbá-la ou aborrecê-la” (Austen, 1815, p.9). Assim, sendo uma figura de forte opinião, Emma vê-se na obrigação de ajudar a formar a opinião e posicionamento de sua

amiga Harriet que, por sua vez, segundo Neto e Gomes (2023), é uma figura sem autonomia que reflete totalmente a mulheres dependente de opiniões e julgamentos dos outros. Empoderada e sempre firme em seus posicionamentos, Emma entra constantemente em conflito com Sr. Knightley, que também apresenta uma personalidade forte e refutava as posições da moça, sobretudo em relação às suas escolhas a respeito do casamento. Emma contraria Knightley com bastante firmeza de opinião e objetividade

Pensamos de forma tão completamente diferente sobre este ponto, Sr. Knightley, que não vale a pena discutirmos a esse respeito. Só poderemos causar um ao outro mais antipatia (Austen, 1815, p. 64).

Tanto Emma como Elisabeth convergem no fato de ambas se proporem a mostrar um posicionamento crítico sobre os limites sociais impostos às mulheres da sociedade do século XIX. A valorização do pensamento feminino também é um ponto em comum entre as duas personagens: enquanto Elisabeth não se adequa às convenções sociais ao desejar ligar-se a um casamento baseado no sentimento, Emma apresenta um desprezo pelas regras de condutas sociais, colocando sempre em destaque o seu modo crítico de ver e comentar a sociedade. Assim, Jane Austen constrói essas duas personagens, mulheres fortes, empoderadas e com visão crítica aguçada, visualizadas por meio de uma “consciência própria de cada personagem contra o sistema patriarcal” (Zardini, 2013, p. 5).

6 Considerações finais

O presente artigo realizou uma análise crítica e literária de duas personagens da escritora inglesa Jane Austen: Emma Woodhouse e Elizabeth Bennet, que compõe os romances *Orgulo e Preconceito* e *Emma*, publicados, respectivamente, pela primeira vez em 1813 e 1815. Partindo da pergunta norteadora de todo o trabalho, em que nos debruçamos para investigar com que recursos a autora construía suas personagens, a fim de compreender que maneiras podemos relacionar seus escritos a correntes teóricas da crítica literária feminista.

Por meio de uma pesquisa bibliográfica, utilizando o referencial teórico de análise de construção da personagem ficcional elaborada por Antônio Cândido (2009), observou-se que as duas personagens, objetos deste estudo, são consideradas esféricas, uma vez que são apresentadas em mais de uma camada e passíveis de complexidade. Partindo dessa análise literária, utilizamos o arcabouço teórico da crítica literária feminista, representadas nas teorias de Elaine Showalter e Eurídice Figueiredo, a partir das quais pudemos ter um olhar mais aguçado de como as personagens de Austen comportavam-se de maneira tão vanguardista,

mesmo em uma sociedade limitada pelo patriarcado em pleno século XIX.

A partir de tal olhar, e também fazendo uma minuciosa análise a respeito de gênero e sociedade, a partir das ideias de Simone de Beauvoir, concluímos que as personagens criadas por Austen apresentam características feministas, resguardadas ao modo sutil da escritora de dar voz e emponderamento para as mulheres daquele século.

Referências

ABREU, M. C. *et al.* As personagens femininas na obra de Jane Austen. **Caderno da Funcamp**, Monte Carmelo, v. 20, n. 45, p. 165-177, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2593>. Acesso em: 06 ago. 2024.

ALMEIDA, J. P. **As multifaces do patriarcado**: uma análise das relações de gênero nas relações homoafetivas. 2010. 116 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9412/1/arquivo332_1.pdf. Acesso em:

AUSTEN, J. **Emma**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

AUSTEN, J. **Orgulho e Preconceito**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1987.

BELLIN, G. P. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 7, p. 75-85, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/issue/view/858>. Acesso em: 06 ago. 2024.

CÂNDIDO, A. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

COUTO, E. P. A concepção de personagem de Antonio Candido: pressupostos e implicações. **Cadernos do IL**, [S. l.], n. 58, p. 207-220, 2019. DOI: 10.22456/2236-6385.93081. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/93081>. Acesso em: 06 ago. 2024.

CYFER, I. Afinal, o que é uma mulher? Simone de Beauvoir e “a questão do sujeito” na Teoria Crítica Feminista. **Revista Lua Nova**, São Paulo, v. 94, p. 41-77, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-64452015009400003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/YgZNBXJFXCMmCKzKbnnP6t/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 06 ago. 2024.

FIGUEIREDO, E. **Por uma crítica feminista**: leituras transversais de escritoras brasileiras. Porto Alegre: Zouk, 2020.

HOLANDA, H. B. **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica de cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

NETO, H. C.; GOMES, L. R. M. Consonâncias entre Jane Austen e Simone de Beauvoir: a representação feminina relacionada a questões de gênero, liberdade e identidade. **Revista Foco**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. e4185, 2024. DOI: 10.54751/revistafoco.v17n1-101. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/4185>. Acesso em: 06 ago. 2024.

SANTANA, A. L. **Era Vitoriana (1837-1901) - História**. InfoEscola, [s. d.]. Disponível em: https://www.infoescola.com/historia/era-vitoriana/#google_vignette Acesso em: 06 ago. 2024.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 06 ago. 2024.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. *In*: HOLANDA, H. B. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica de cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

TEIXEIRA, N. Entre o ser o estar: o feminino no discurso literário. **Revista Guairacá**, Guarapuava, v. 25, n. 25, p. 81-102, 2009. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/guaiaraca/article/view/1125/0>. Acesso em: 06 ago. 2024.

ZARDINI, A. S. A identidade feminina na obra “Orgulho e Preconceito” de Jane Austen. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 3., 2013, Uberlândia-MG. **Anais** [...]. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível: https://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_2049.pdf. Acesso em: 06 ago. 2024.

ZARDINI, A. S. O universo feminino nas obras de Jane Austen. **Em Tese**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 156-169, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3731>. Acesso em: 14 dez. 2023.